

António Cirurgião

DE EÇA A JORGE DE SENA



temas portugueses

Título: De Eça a Jorge de Sena

Autor: António Cirurgião

Edição: Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Outubro de 2009

ISBN: 978-972-27-1543-0

Depósito legal: 297 762/09

Aos meus netos
Calvin Alexander Cirurgião
e
Camille Janine Cirurgião

ANTELÓQUIO

Datando o primeiro de 1969 e o último de 1992, os estudos contidos nesta colectânea versam sobre sete escritores portugueses do século XIX e do século XX: três do século XIX e quatro do século XX.

Embora de nível literário muito diferente, como o leitor comum pode facilmente concluir e os críticos nos ensinam, é nossa convicção de que todos os escritores contemplados têm mérito suficiente para que deles se ocupem os que, como o abaixo assinado, escolheram por profissão o ensino e a promoção da língua portuguesa e das literaturas lusófonas além-fronteiras, em minúsculas ilhas de língua portuguesa e de cultura lusíada, perdidas no meio da vastidão de imensos mares de outras línguas e de outras culturas, um pouco à maneira daqueles nautas da *Eneida*, de Virgílio, perdidos na imensidão do oceano: «rari nantes in gurgite vasto».

Se ao lado de um gigante das letras portuguesas do século XIX e de dois do século XX, respectivamente Eça de Queirós, Jorge de Sena e Miguel Torga, e de dois autores de grande mérito do século XX — José Cardoso Pires e Bernardo Santareno — figuram escritores bastante negligenciados pelos historiadores da literatura e pelos antologistas, tais como Tomás Ribeiro e Guilherme de Azevedo, não nos parece que haja nisso qualquer inconveniente. Como cremos já ter escrito algures, uma das coisas de que Jorge de Sena com frequência justamente se lamentava era

da falta de estudos e de monografias sobre os assim chamados escritores menores, uma vez que, sem essas monografias e sem esses estudos, não era possível elaborar histórias da literatura portuguesa e antologias dignas de tal nome, tal como sucede noutros países, não necessariamente com literaturas mais ricas e com mais potencial académico que Portugal.

Os trabalhos, de tamanhos muito variáveis, concentram-se todos numa obra individual de cada um dos sete autores. Dois deles, Guilherme de Azevedo e Jorge de Sena, são objecto de dois estudos cada um. Mas enquanto no caso do primeiro os dois estudos recaem sobre a mesma obra — *A Alma Nova* —, no caso do segundo recaem sobre duas obras distintas: *Pedra Filosofal* e *Sinais de Fogo*.

Quanto aos géneros literários sobre que versam os estudos, contam-se o romance para Eça de Queirós, José Cardoso Pires e Jorge de Sena, a poesia para Tomás Ribeiro, Guilherme de Azevedo, Jorge de Sena e Miguel Torga e o teatro para Bernardo Santareno.

Como se poderá depreender à primeira vista, através da simples leitura dos títulos dos trabalhos, não se pode de forma alguma falar em unidade temática e, muito menos, em método crítico de carácter mais ou menos unitário ou preferencial. Isto para dizer que nos nove estudos se encontram abordagens críticas de natureza essencialmente ecléctica, desde a filológica, a retórica e a estilística à topológica, à arquetípica e à polémica, entendendo-se pela última a tentativa de refutação de alguns dos críticos de *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós.

Tendo em conta a data de publicação e, principalmente, a actividade crítica de especialistas na matéria, vários dos estudos, em especial os referentes a *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós, à «Poética» de *Pedra Filosofal*, de Jorge de Sena, a *O Delfim*, de José Cardoso Pires, e a *A Promessa*, de Bernardo Santareno, poderiam ter sido objecto de revisão substancial. Mas, à parte a correcção das gralhas ortográficas, alterações de ordem técnica, algumas rectificações e umas pequenas achegas a «A estrutura de *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós», a «O animal como símbolo, metáfora e símile no *D. Jaime*, de Tomás Ribeiro», a «Simbolismo e premonição em *A Promessa*, de Bernardo Santareno», e a «O sentido alegórico de *O Delfim*, de José Cardoso Pires», sem-

pre dentro do espírito da versão original, achou-se por bem publicar os trabalhos tais como saíram à luz pela primeira vez.

Dito o que, só nos resta manifestar o nosso reconhecimento à University of Connecticut Research Foundation pelo apoio material que se dignou conceder-nos para a realização de alguns dos estudos, à Imprensa Nacional-Casa da Moeda pela publicação da colectânea e a todos aqueles que, no decorrer dos anos, nos honraram com o seu apoio moral ao testemunharem o seu apreço pela nossa modesta contribuição no campo da crítica literária, e esperar que os estudos contidos nesta colectânea possam concorrer para um melhor conhecimento da literatura portuguesa através do mundo, inclusive do não lusófono.

Manchester - Estoril, 15 de Agosto de 1992.

**A ESTRUTURA
DE A ILUSTRE CASA DE RAMIRES,
DE EÇA DE QUEIRÓS**

Literary criticism is traditionally defined as the art of judicious condemnation or praise: [...]. But in our own time, the term has taken on wider significance, to include the analysis, elucidation, and interpretation of literature.

An Introduction to Literary Criticism, Ed. Malines K. Danziger — W. Stacy Johnson, Boston, D. C. Heath and Company, 1967, p. v.

Este trabalho teve origem num seminário sobre Eça de Queirós, dirigido pelo Professor Doutor Jorge de Sena, na Universidade de Wisconsin, no ano lectivo de 1968-1969.

INTRODUÇÃO

Intrigado pela extrema diversidade de apreciações críticas de que a obra de Eça de Queirós, em geral, e *A Ilustre Casa de Ramires*, em particular, tem sido objecto através dos tempos, decidimos sujeitar essas apreciações críticas a um escrutínio sério, para ver até que ponto elas faziam ou não justiça à obra¹.

Uma vez refutadas, em nosso modesto entender, já parcialmente, já na totalidade, essas visões críticas, procurámos fazer a nossa leitura crítica de alguns aspectos de *A Ilustre Casa de Ramires*.

A fim de se atingir o máximo de objectividade, primeiro mandamento a observar numa aventura desta natureza, foi nossa preocupação constante ler o texto com a maior atenção possível e procurar nele mesmo, e não fora dele, os elementos necessários para a emissão de juízos críticos pertinentes. Queremos com isto dizer que o método de crítica literária mais de perto seguido neste estudo é o proposto por I. A. Richards em *Practical Criticism*, mé-

¹ Ao falarmos em «extrema diversidade de apreciações críticas», não estamos a referir-nos a um fenómeno comum na leitura crítica de grandes obras literárias: a existência de interpretações diferentes postuladas por textos ricos em simbolismo e em ambiguidades, e, por conseguinte, passíveis de distintos níveis de leitura. Essas interpretações, embora diferentes, são legítimas. No caso das interpretações em questão de *A Ilustre Casa de Ramires*, trata-se simplesmente de leituras baseadas não no texto, mas na ideologia do crítico.

todo que dá pelo nome de *close reading*, que poderíamos traduzir por «leitura fechada». Mas, como a expressão «mais de perto seguido» implica, não se excluiu *a priori* nenhum dos outros métodos literários, convencidos que estamos de que todo o dogmatismo em crítica literária poderá ser pernicioso, na medida em que, por princípio, tal critério pressupõe que a obra a apreciar se deverá adaptar ao método e não o método à obra. E, sendo assim, optou-se por uma abordagem metodológica que poderia designar-se de ecléctica.

Assim, à guisa de exemplo, esclarecemos que, tendo em conta a grande carga de referentes históricos existentes no romance, não se pôde deixar de recorrer à intertextualidade, sempre que isso pareceu indispensável para uma melhor compreensão da obra.

Feito este breve esclarecimento sobre as razões que nos levaram a debruçar-nos criticamente sobre *A Ilustre Casa de Ramires* e os métodos utilizados para fazer deste romance uma leitura honesta, passamos a analisar primeiro algumas das interpretações de que tem sido objecto e depois a propor a nossa própria interpretação.

OS CRÍTICOS DE *A ILUSTRE CASA DE RAMIRES*

Como sucede com as outras obras de Eça de Queirós, de uma maneira geral, também *A Ilustre Casa de Ramires* tem sido objecto das mais descontraídas (para não dizer das mais disparatadas) interpretações. Interpretações feitas, com frequência, não em termos objectivos, como uma crítica digna de tal nome o exigiria, mas em termos subjectivos².

Como se vai tentar mostrar, em princípio ainda ninguém estudou *A Ilustre Casa de Ramires* pelo que ela é em si: uma obra de

² Faz-se questão de declarar que por crítica subjectiva não se entende, neste caso, crítica impressionista. Enquanto a primeira pode ser totalmente sincera, a segunda é, por natureza, tendenciosa.

arte literária chamada romance. Deixando de parte a preocupação com as fontes históricas e literárias, com a identificação dos topónimos e com a possível correspondência entre as personagens do romance e pessoas da vida real, tem sido sobretudo em função de uma «mensagem» histórica, social ou política, ou das três coisas ao mesmo tempo, que os críticos têm estudado e apreciado esta obra de Eça de Queirós. Daí que, tendo em conta a ideologia e o programa preestabelecido dos estudiosos, haja tantas interpretações quantos os críticos (para ser mais exacto, teremos que dizer que as interpretações são menos que os críticos, pois alguns deles nada mais têm feito senão repetir, mais ou menos directamente, o que outros escreveram antes deles).

Creio que poderíamos dividir os críticos da obra de Eça de Queirós em dois grandes grupos: de um lado, os que só dão valor às obras em que Eça de Queirós ataca de frente os elementos corruptos da sociedade portuguesa e luta pela justiça social, com o fervor de um dos mais fiéis discípulos de Proudhon; de outro lado, os que só acham relevantes e dignas de ser lidas as obras em que Eça de Queirós faz (ou parece fazer?) a apologia dos valores nacionais e afaga e satisfaz o orgulho dos patrioteiros integralistas e saudosistas. Os primeiros supervalorizam as obras chamadas da segunda fase, tais como *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias*, *A Relíquia*, *A Capital*, e subvalorizam as obras da chamada terceira fase, tais como *A Correspondência de Fradique Mendes*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras*. Os segundos assumem uma posição totalmente inversa³. E o resultado de tudo isto é ver — e com que tristeza! — as obras do maior romancista português de todos os tempos reduzidas a uma breve e magra paráfrase de conteúdo filosófico, sociológico, histórico, político, psicológico ou moral.

Ora os romances de um grande escritor como Eça de Queirós são muito mais que uma simples paráfrase, quer ela nos seja apresentada em empolada retórica sebastianista, quer em fria dialéctica marxista: são obras de arte, válidas como tais, inde-

³ Como é óbvio, estas observações pressupõem uma divisão da obra romanesca de Eça de Queirós em três fases: a romântica, a realista-naturalista e a romântico-realista ou neogarrettiana.

pendentemente de qualquer «mensagem» do agrado do crítico socialista ou marxista, integralista ou fascista. Isso de julgar a obra literária de um autor apenas pela maior ou menor dose de crítica social que ela possa conter ou pelo ataque mais ou menos velado às instituições religiosas, políticas ou sociais; aos políticos sem escrúpulos ou incompetentes; aos literatos pedantes e sem talento; aos patrioteiros, aos Acácios, Pachecos e Condes de Abranhos; às beatas falsas e aos padres que passeiam a sua soberba, a sua gula, a sua luxúria, a sua preguiça e outros pecados capitais pelas páginas de *O Crime do Padre Amaro* e de *A Relíquia*; às esposas ultra-românticas ou libertinas e aos burgueses torpes e asquerosos que fazem gala dos seus vícios imundos e das suas vaidades ridículas em *O Primo Basílio*, *A Capital* e *Os Maias*, para só nos referirmos a uns tantos tipos da imensa galeria queirosiana; assim como julgar a obra de um autor apenas pelos gestos de bondade, pelos rasgos de abnegação e pelos hinos à natureza que se possam encontrar, de uma forma mais ou menos explícita ou implícita, em obras como *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*; julgar uma obra literária exclusivamente nesses termos é desconhecer o ABC da crítica literária e, por conseguinte, arriscar-se automaticamente a dar uma falsa interpretação da obra.

Mas, em vez de continuar neste tom mais ou menos abstracto e genérico, o melhor será passar a expor e a analisar directamente as opiniões dos críticos principais de *A Ilustre Casa de Ramires* e passar seguidamente ao estudo da sua estrutura, propósito fundamental deste trabalho.

Para explicar a génese deste romance, refere-se João Gaspar Simões ao neogarrettismo de Eça de Queirós: Eça «lia muito agora os clássicos portugueses e diante de António Nobre e Alberto de Oliveira, surpreendidos, proclamava: meus amigos, a gente em Portugal não estuda na idade de estudar, não sabe nada... por estes melancólicos cais do Sena [...] lá descubro um Fernão Lopes, ou arremato um Damião de Góis ou um António Vieira, encadernados para a eternidade em sólida carneira lusitana»⁴.

⁴ João Gaspar Simões, *Eça de Queiroz — O Homem e o Artista*, Lisboa, Edições Dois Mundos, 1945, p. 192.

Como veremos oportunamente, em *A Ilustre Casa de Ramires* não há nada ou há muito pouco de neogarrettismo. Além disso, veremos também que, precisamente no ano em que escreveu este romance (1894), combateu Eça frontalmente o neogarrettismo proposto por Alberto de Oliveira.

Voltando às palavras de João Gaspar Simões, acabadas de transcrever, informa-se que se encontram no capítulo VII da obra citada, sob o título de «O testamento literário»: *A Correspondência de Fradique Mendes; A Ilustre Casa de Ramires; A Cidade e as Serras*. Não sei por que não se poderiam escolher igualmente para testamento literário de Eça outras obras suas. Que nos conste, nem todos os testamentos são feitos nos últimos anos de vida, nem Eça deixou estipulado em testamento que estas e não outras obras suas deveriam ser consideradas manifestação da sua última vontade.

Naturalmente — e infelizmente! — não tem faltado gente como António Sardinha e o Conde d'Aurora — lá chegaremos a eles! — e alguns membros ilustres da ilustre família de Eça de Queirós que teriam de boamente repudiado quase toda a obra anterior de Eça, por não se coadunar, segundo eles, com o programa de regeneração que eles sonham e propõem para Portugal.

A maneira do que faz João Gaspar Simões com *A Ilustre Casa de Ramires*, também outros críticos literários, recorrendo à intertextualidade, pouco mais têm feito que pegar numa ou noutra frase que Eça tenha porventura dito ou escrito a um amigo ou a um confrade para interpretar a sua obra. Isso em si não seria um mal, se os tais críticos não se esquecessem que o método biografista, que tão usado e abusado foi no século XIX, é hoje dos que parecem ter menos relevância, na generalidade, entre os vários métodos de crítica literária, tais como, por exemplo, o genético, o ontológico, o estatístico, o estruturalista, o semiótico. Assim, dentro deste contexto, só porque Eça disse uma vez que Antero era o seu Verbo, o seu Cristo, e ele, Eça, era o seu apóstolo, o seu São Paulo; e só porque numa outra ocasião declarou que possuía a técnica do romance, mas que lhe faltavam as ideias, vai de alguns críticos tomarem essas palavras ao pé da letra, em sentido categórico, quase como dogmas de fé, e concluir pela superficialidade dos seus romances e dos seus outros escritos. Ora a verdade é que de superficial Eça nada tem, além da possível aparência, uma que

outra vez. Os escritores superficiais não resistem à erosão do tempo. As personagens que criam morrem com eles, senão antes deles. Mas os Amaros, as Luíças, as Julianas, os Acácios, os Alencares, os Eusebiozinhos, os Fradiques Mendes, entre outros espécimes da sua vasta fauna humana que povoam os campos da ficção de Eça, estão cada dia mais vivos e mais viçosos: são contemporâneos de todas as idades e de todas as latitudes.

Outro aspecto da obra queirosiana que tem iludido alguns dos seus críticos e os tem levado a considerar Eça superficial é o tom de ironia, de galhofa e, por vezes, até de sarcasmo, que permeia quase toda a sua obra. Como se Gil Vicente, Rabelais, Cervantes, Voltaire, Swift, Machado de Assis, por exemplo, fossem superficiais só pelo facto de fazerem rir ou sorrir o leitor com frequência fora do comum!

A Ilustre Casa de Ramires é a obra de alguém que já atingiu a maturidade, a idade da *sagesse*, e de alguém que não só tem o domínio absoluto de um estilo único e admirável e de uma técnica perfeita do romance, mas que já aprendeu a ver o mundo com os olhos de adulto e que perdeu todas as ilusões de poder reformar os homens e a sociedade a golpes de metáfora. Essa literatura combativa em que Eça militara com entusiasmo apostólico ao lado de Ramalho Ortigão, de Junqueiro, de Antero, de Oliveira Martins, de Guilherme de Azevedo, de Gomes Leal, já dera o que tinha a dar: a indiferença por parte do público e a desilusão amarga por parte dos seus autores. Pela época em que Eça escreve *A Ilustre Casa de Ramires*, Oliveira Martins evoca comovida e patrioticamente as figuras gloriosas e místicas do Portugal da Guerra da Independência e das aventuras africanas e ultramarinas; Guerra Junqueiro compõe doces idílios campestres e canta moleirinhas sonhadoras, lenhadores bucólicos e pastores centenários; Alberto de Oliveira expõe em *Palavras Loucas* os princípios doutrinários do neogarrettismo, em que viriam a ser férteis, entre outros, Júlio Dantas, Afonso Lopes Vieira e Correia de Oliveira; e Eugénio de Castro, à maneira de um certo Rubén Darío e de Leconte de Lisle, fala-nos, em exóticas palavras de dicionário e em estudadas e lapidares figuras de retórica, de personagens lendárias, mitológicas ou vagamente históricas e de danças etéreas de Salomé, com uma indiferença olímpica por tudo quanto seja educar e moralizar seja quem for, como fervorosa-

ÍNDICE

Antelóquio.....	9
A estrutura de <i>A Ilustre Casa de Ramires</i> , de Eça de Queirós	13
O animal como símbolo, metáfora e símile no <i>D. Jaime</i> , de Tomás Ribeiro	75
O carácter combativo em <i>A Alma Nova</i> , de Guilherme de Azevedo..	93
Morte e metamorfose em <i>A Alma Nova</i> , de Guilherme de Azevedo..	109
Simbolismo e premonição em <i>A Promessa</i> , de Bernardo Santareno ..	127
O sentido alegórico de <i>O Delfim</i> , de José Cardoso Pires.....	141
A demanda do poeta em <i>Orfeu Rebelde</i> , de Miguel Torga	157
À margem da «Poética», de Jorge de Sena	181
O nascimento do poeta em <i>Sinais de Fogo</i> , de Jorge de Sena	215
<i>Origem bibliográfica dos estudos</i>	245
<i>Bibliografia</i>	247
<i>Índice onomástico</i>	251

Acabou de imprimir-se
em Outubro de dois mil e nove.

Edição n.º 1014373

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.br